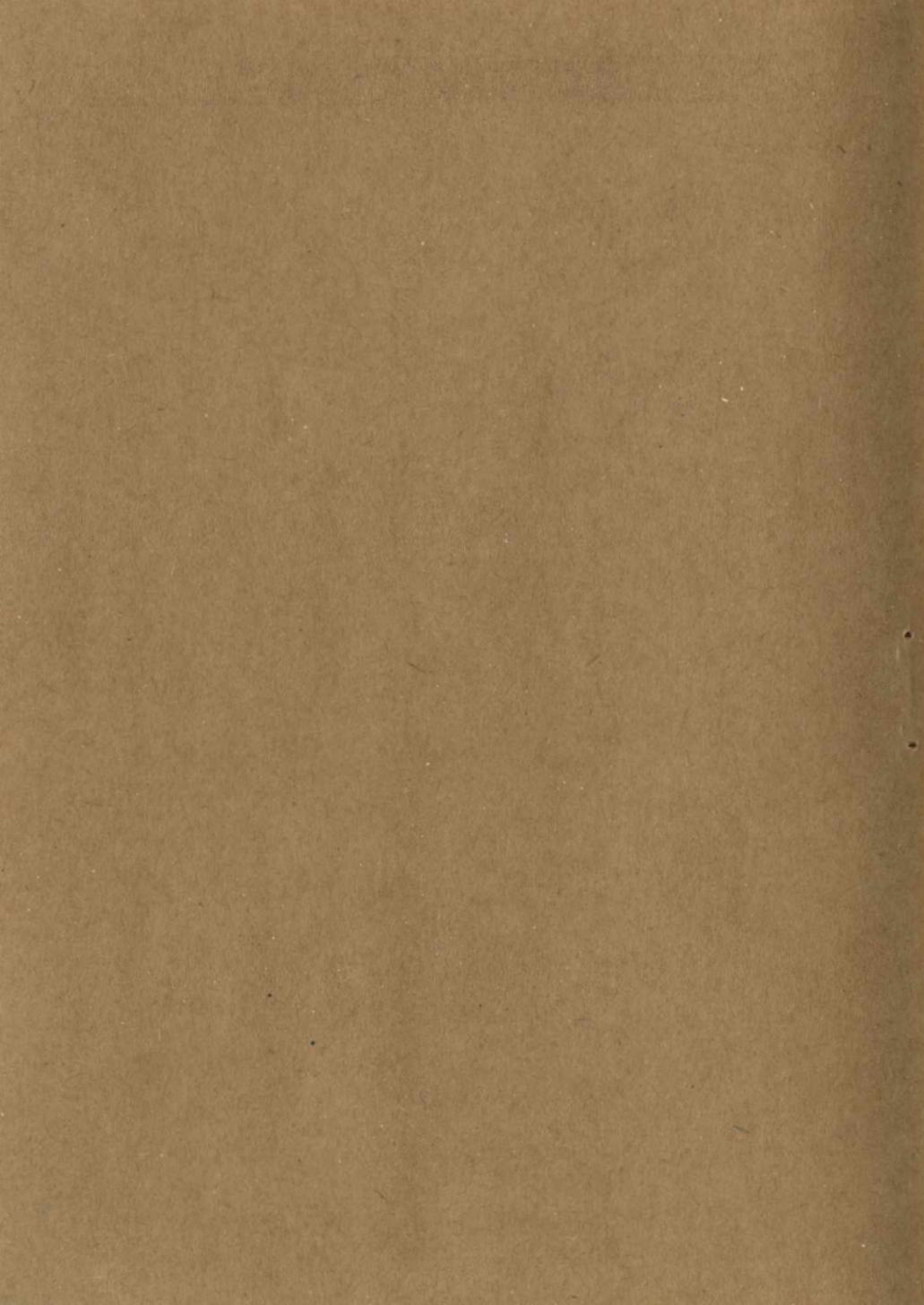




DESAFIO

VIOLA DE

SANDERSON NEGREIROS
LUÍS CARLOS GUIMARÃES
NEI LEANDRO DE CASTRO
NEWTON NAVARRO





Viola de Desafio



Sanderson Negreiros
Luís Carlos Guimarães
Nei Leandro de Castro
Newton Navarro

2ª Edição
Natal-RN / 2015

Comissão Organizadora dos Preparativos às
Comemorações do Centenário de Nascimento do Prefeito
Djalma Maranhão/FJA © 2015

Organização: Centro de Direitos Humanos e Memória
Popular / Rede Estadual de Direitos Humanos RN

Edição: Comitê Estadual pela Verdade, Memória e Justiça RN

Concepção e Pesquisa: Roberto Monte

Diagramação e Capa: Alessandro Amaral

Introdução e Revisão: Edrisi Fernandes

Versão Digital

Esta publicação está disponível para acesso e download no site www.dhnet.org.br e pode ser compartilhada, desde que citada a fonte e que não seja modificada, nem utilizada para fins comerciais.

Agradecimento
A Francisco Fernandes Marinho,
pela cessão do original da obra



Sumário

Introdução	7
Esta viola, estes versos...	11
Nei Leandro de Castro	12
O Sapateiro e sua canção	13
Luis Carlos Guimarães	15
Joaquim, José e João	16
Sanderson Nêgreiros	18
Quase Elegia	19
Newton Navarro	22
De como Pedro Malazarte foi parar no xadrez	23
Viola de Desafio	26
Violas e Violões	28



Introdução

 O primeiro volume de “Viola de Desafio” foi lançado em Natal em dezembro de 1962, sob o patrocínio do prefeito Djalma Maranhão. Escrito por quatro jovens que deixaram seus nomes de forma indelével na cultura potiguar, esse cordel causou grande repercussão nos meios progressistas do Brasil, como se pode perceber por duas notícias que reproduzimos adiante. Djalma defendia um ideal antes propugnado por José Martí: “Ser culto para ser livre”. A política de “educação e cultura como meta número um” e como instrumento de libertação foi decisão da “Convenção dos Comitês Nacionalistas” da campanha eleitoral de Djalma em 1960, da qual saiu vitorioso pelo voto direto. Acreditar nessa libertação, e tentar transformar isso em realidade, foi a maior “subversão” de Djalma. Seu sucessor na prefeitura, o Almirante Tertius Rebello (interventor após o golpe de 1964), tentou suprimir o legado do seu antecessor. Em sua “Mensagem 1/65 à Câmara

de Vereadores”, na qual deu conta de suas tarefas no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Saúde, listou como sua missão, já na letra “A”, a “Retirada das escolas e bibliotecas municipais de livros e publicações de sublitteratura e de conteúdo político pernicioso”. Essa decisão resultou na destruição quase completa dos exemplares de “Viola de Desafio”, do qual apresentamos essa reedição em comemoração ao Centenário do Nascimento de Djalma Maranhão.



DESAFIO

VIOLA DE

SANDERSON NEGREIROS
LUÍS CARLOS GUIMARÃES
NEI LEANDRO DE CASTRO
NEWTON NAVARRO

VIOLA DE DESAFIO



Natal — Dezembro — 1962

*Esta viola, estes versos
Nascidos do coração,
Em homenagem entregamos
A Djalma Maranhão.
Sua toada de luta
Rima co'a nossa canção:
Reforma agrária nos campos.
Paz social nas cidades.
Nas mãos de todos desponte
A rosa da liberdade.*

NEI LEANDRO DE CASTRO

O SAPATEIRO E SUA CANÇÃO

Canta, sapateiro,
a tua canção.
Enxuga o suor
que desce da testa
— liquefeito sol
cegando teus olhos.
Conserta o teu canto
que a vida degasta
nas pedras, que o pranto
amolece. Forra-o
com metais de música
ouvida à distância.
Pé-de-ferro sôbre
o entorpecimento
dos joelhos, forja
o sonho do símbolo.

Te pesam as pálpebras,
os dedos estão
feridos por dez
pregos. Porém não
te deixa dormir
— e é dó sustenido
na tua canção—
o corno de couro,
o ferro no ferro
batendo refrão.

Os cansaços, molha-os
nos rios que o canto
de sede constrói
Reiventa a espera
em tua canção:
martelo na sola,
a mão junto à mão,
o homem buscando
o perdido irmão,
as flôres de trigo
abrindo-se ao chão,
o mundo cantando
o teu cantochão.

Canta, sapateiro,
a tua canção.

LUÍS CARLOS GUIMARÃES

JOAQUIM, JOSÉ E JOÃO

São camponeses chamados
Joaquim, José e João,
adubos do latifúndio,
escravos na servidão.

Armazenam a colheita
nos silos do barracão
e de estômago vazio
perecem de inanição.

Ai, o verde que se estende:
o arroz, o milho, o feijão,
nascendo dos vossos braços
— Joaquim, José e João

São três os rostos suados
no meio da plantação,
são três os corpos cansados
na agreste desolação:

o facão cortando a cana,
a enxada rasgando o chão,
a morte se aproximando
de Joaquim, José e João.

Antes que a noite se acerque
trazendo a morte nas mãos,
construí vossa manhã
— Joaquim, José e João.

Resta colher a revolta
que cresce no coração,
plantada na noite antiga
da vossa insatisfação.

Não mais seguir o caminho
que vos indica o patrão,
passar além da emboscada,
da vossa submissão,

das cem armas apontadas
a vossa bôca sem pão.
Passai além das estradas,
muito além da solidão,

caminhai de braços dados
em busca da redenção.
Construí vossa manhã
— Joaquim, José e João.

SANDERSON NEGREIROS

QUASE ELEGIA

(Em memória de João Pedro Teixeira, camponês assassinado em Sapé)

I

Era uma vez João Pedro Teixeira,
Era uma vez o camponês abandonado,
fazendo trincheiras nas terras de Sapé
até onde a revolução dispuser.

Era uma vez João Pedro Teixeira,
morto ao meio dia por capangas da reação,
morto quando o sol feria as pedras do chão.

Era uma vez João Pedro Teixeira,
sua espôsa, seus dez filhos e a maneira
de lutar contra a escravidão.

Era uma vez João Pedro Teixeira,
e ainda por muito tempo será:
o medo do latifúndio e as flôres
para a polícia se coroar.

II

Vamos todos festejar
Vamos todos festejar
A morte do latifúndio
Nas terras do Sapé
Na morte de João Pedro
Pois nossa revolução
Chega onde Deus quiser.

Nossa arma vem do chão
 Nossa força vem do pão
 que um dia comeremos
 na mesa só do patrão.

III

Era uma vez João Pedro Teixeira.
 Era uma vez nossa faca ligeira.
 Veio o soldado

— veio vindo,

veio o juiz

— veio vindo,

veio o capanga

— veio vindo,

— veio o padre e o sacristão.

Do outro lado veio Zezé da Galiléia

Veio a bandeira da rendenção

E entre todos quem mais vinha

Era Chico Julião.

IV

Nossa luta é feita
 De irmão com irmão
 contra tudo que é fruto
 das forças da reação.
 O latifúndio apodrece
 nas garras da danação,
 somos livres e humanos
 nosso corpo já não desce
 pra sofrer exumação
 do rico cheio de engano,
 nosso corpo permanece
 em ritmo com o coração.

V

Era uma vez João Pedro Teixeira.
 Uma cruz indica a fileira
 de cruzeiras fincadas no chão.
 Desce uma estrela na tarde
 por cima do nosso caixão.
 É lembrança para os covardes
 Que renegam nosso braço.

VI

Por estradas de Sapé
 alguém há de avistar
 João Pedro no seu cavalo
 caminhando por caminhar
 Vendo a roça, veudo a choça
 Vendo o sol de deitar
 Ouvindo o vento assobiando
 Olhando a noite soluçar.
 É João Pedro trotando
 Com seu bacamarte de luar
 Chamando nos para luta
 pedindo não recuar
 que o inimigo tem concluído
 com o demônio provedor
 com as trevas poderosas
 quer o povo sofrer
 sem mais poder reclamar
 sem poder sequer gemer
 sem podertambém amar.
 Lá vem João Pedro trotando
 Lá vem João anunciando
 que a aurora há de chegar

NEWTON NAVARRO

DE COMO PEDRO MALAZARTE FOI PARAR NO XADREZ

Entre curvas de poeira.
Terra sêca, laje enxuta
Quentes gumes de pedreiras.
Azul fantasma de nuvens.
Crâteras fundas de sol.
Vazios por tôda parte.
Cisma Pedro Malazarte...

Em cisma, assim se consome:
— Essa terra — meus cuidados.
Êsse chão, êsses valados,
êsses rios desertados,
essa fome em minha fome.
Pedro cisma izconformado.
Malazarte deserdado...

A chuva, sol engoliu
A terra o rico tomou.
Sua reza, suas crenças
Seu vigário carregou
Quis implorar: "Por favor!"
Veio o padre e o excomungou...

Agora, sim, que lhe resta?
Olha o céu fundo e distante,
sentado na terra, ausente...
— Pedro, diz com que tu sonhas,
que maltrata a tua mente?
— Por que teus olhos se perdem

No reino do não-virá?
Malazarte ao Deus-dará...

Mas, que lhe deu o bom Deus
nessa difícil aflição?
Tirou a terra do rico
dando à terra floração?
Sua casa, seus caminhos
outra vez retornarão?
Malazarte cisma em vão...

(No seu gabinete, o Patrão tem breve conversa telefônica interplanetária. Depois...)

O rico falou com Deus,
Com seu vigário legal.
A um prometeu igreja,
A outro cargo oficial.
(Malazarte, pouco importa!)
O caso foi encerrado:
Pedro entregue ao delegado...

Muita coisa mais diria
Se me deixassem falar.
Contaria tôda história
Pra todo mundo espalhar
depois, por essas estradas
E muita gente escutar,
E em Malazarte pensar...

Mas, dia será chegado...

No calendário do Povo
Seu nome se enfeitará.
Por ora, agora, esperemos
Essa hora que virá.
Pedro viaja na aurora.
Malazarte — Boa-Nova!

Notícia 1

Viola de Desafio

Quatro jovens da Moderna Poesia Norte-Riograndense lançaram, em edição feita em Natal, Viola de Desafio, poemas onde os autores revelam a preocupação social hoje dominante em todos os elementos progressistas dos países onde as modificações sociais não foram ainda realizadas em favor do povo.

Nei Leandro, Newton Navarro, Luís Carlos Guimarães e Sanderson Negreiros tiraram e espalharam pela cidade os exemplares, levando ao povo, aos pescadores, soldados, ferreiros, funcionários públicos, etc. a homenagem e valiosa contribuição da poesia revolucionária e autenticamente popular, mal importando se de verso quebrado, se fora das estruturas poéticas, mas, para mostrar que poesia do povo se faz como eles fizeram, como faz a [editora] Civilização Brasileira com os “Cadernos do Povo”, provocando

a insignificante ira dos “concretistas” e outros “istas”, minorias conservadoras em pânico com a evolução social do Brasil.

Fonte: Revista “Leitura: crítica e informação bibliográfica” (Rio de Janeiro), edições 55-66, 1962 (publicada em conjunto com as edições 49-54, 1961), p. 5 [o último número (edições 78-101) da revista “Leitura” - periódico que estava em circulação desde 1953 - é de 1964, tendo circulado até março].

Notícia 2

Violas e Violões

Não é uma simples coincidência este fato: enquanto no Rio aparecia um livrinho intitulado “Violão de Rua” (Editora Civilização Brasileira S.A.) com a definição “Poemas para a Liberdade”, isso no terminar do ano de 1962, apareciam também em Natal uns folhetos bem modestos – como desses que chamam no Nordeste literatura de cordel –, com o título “Viola de Desafio”. Não bem diferentes em apresentação, no estilo, na organização do “Violão de rua”, se bem que ambos possam usar a mesma definição, Poemas para a liberdade. Os de Natal – R. G. do Norte – emocionam-me. São os jovens poetas da terra, muitos deles até então sem a menor definição política, que mais pareciam boêmios e românticos, vindo para a luta com firmeza através de seus versos.

Conheço bem e muito bem quero a esses jovens de Natal, que mantêm sempre uma juventude exuberante e uma grande alegria criadora, apesar da turbulência de seus gestos e atos: Quero-lhes bem por tudo isso, um bem que aumenta agora com estas “Violas de Desafio” e cujo primeiro fascículo é dedicado assim: “Esta viola, estes versos/ nascidos do coração,/ em homenagem entregamos/ a Djalma Maranhão/ Sua toada de luta/ rima co’a nossa canção:/ Reforma agrária nos campos/ Paz social nas cidades/ Nas mãos de todos desponta/ A rosa da liberdade” (Parece que estou a ver a cara gorda de Djalma Maranhão inundada de alegria pelos “seus meninos”).

Os jovens poetas de Natal nessa “Viola de Desafio” (creio que o “viola” fica muito parecido com o título – apenas – do “violão”) mantêm o ritmo dos cantadores nordestinos e se no primeiro Nei Leandro [de Castro] canta as dores do sapateiro “reinventa a espera em tua canção/ martelo na sola/ a mão junto à mão/ o homem buscando o perdido irmão”, Luís Carlos Guimarães dá-nos a história de três camponeses: “Ai, o verde que se estende:/ o arroz, o milho, o feijão, nascendo dos vossos braços/ Joaquim, José e João”. Sanderson Negreiros compõe uma “quase elegia” em memória de

João Pedro Teixeira, camponês assassinado em Sapé [*nota], e para Newton Navarro o camponês se chama Pedro Malazarte: “A chuva o sol engoliu,/ a terra o riso tomou/ sua reza, suas crenças,/ seu vigário carregou”.

Podia falar ainda mais desse encontro maravilhoso dos poetas com o povo aqui, ali, em toda parte brasileira. Desse encontro e dessa descoberta aparecem modestos, baratinhos, simples, esses folhetos dos jovens do Rio Grande do Norte: “Viola de Desafio”, já com dois números publicados.

Eneida de Moraes

Fonte: Revista Novos Rumos, 1963.

Coleção Memória das Lutas Populares do RN

Volume 01

Às Gerações Futuras - Poesias Inéditas

Poesias Inéditas de Emmanuel Bezerra dos Santos

CDHMP/DHnet/FJA, Natal, 2010

Volume 02

Travessias Torturadas

Dermi Azevedo

CDHMP/DHNet, Natal, 2012

Volume 03

Viola de Desafio

Sanderson Negreiros, Luís Carlos Guimarães, Nei

Leandro de Castro, Newton Navarro CDHMP/

FJA, 2015 Segunda Edição

Volume 04

Memórias de um Médico do Povo

Vulpiano Cavalcanti de Araújo – Material Inédito

a ser lançado pelo CDHMP/DHnet



Versão Digital

Esta publicação está disponível para acesso e download no site
www.dhnet.org.br no endereço <http://www.dhnet.org.br/djalma>



Este livro foi impresso na Gráfica e Livraria Manimbu
Rua Açú, 666 A • Tirol – Natal-RN • Fones: (84) 3232-5355 / 3232-5359

Comandos Populares
Djalma Maranhão
pela Democracia



www.dhnet.org.br



GOVERNO DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO NORTE



FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO

Impresso na Gráfica e Livraria Manimbu
Rua Açú, 666-A - Tirol - Natal-RN • Fone: (84) 3232-5355
Tiragem: 1.000 exemplares.